



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## ENTRE A FÚRIA E A LOUCURA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM NARRATIVAS DE TORCEDORES DO BOTAFOGO FUTEBOL E REGATAS

Isabella Trindade Menezes  
Mestre em Memória Social pela Unirio

Neste artigo temos como objetivo analisar os discursos torcedores a partir das estratégias discursivas utilizadas na construção das identidades que ali emergem e os alinhamentos construídos, produtores da diferenciação dos grupos estudados. Nesse sentido, as categorias alinhamento e enquadre, propostos por Goffman<sup>1</sup> nos auxiliam a investigação dos múltiplos contextos de interlocução que são negociados continuamente do discurso.

A partir da questão genérica “o que é ser torcedor”, buscamos, nas entrevistas, os traços constituintes das formas de torcer e de vivenciar as emoções como torcedor organizado da Torcida Fúria Jovem do Botafogo ou como integrante do “movimento” Loucos pelo Botafogo. Acreditamos que essa questão contribui para a construção de nosso objeto de pesquisa, como os diferentes grupos aqui analisados vivenciam o futebol em uma matriz espetacularizada e quais efeitos são produzidos a partir dessa prerrogativa.

O presente estudo é um dos resultados da minha dissertação de mestrado<sup>2</sup> se insere na linha de pesquisa Memória e Linguagem e adota a abordagem teórico-metodológica da análise do discurso da Sociolinguística Interacional, concebida como “o estudo de padrões socialmente condicionados de variação na linguagem em uso<sup>3</sup>” e da metodologia da História Oral, como uma prática segundo a qual “não é uma pessoa abstrata observando outra, mas duas pessoas se encontrando em um terreno de igualdade, no qual as duas trazem juntas seus diferentes tipos de conhecimento e encontram uma nova síntese da qual os dois são modificados<sup>4</sup>”.

---

<sup>1</sup> GOFFMAN, E. “Footing”. In *Sociolinguística Interacional*. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 107-148, 2002.

<sup>2</sup> MENEZES, Isabella Trindade. *Entre a Fúria e a Loucura: análise de duas formas de torcer pelo botafogo Futebol e Regatas*. Unirio, 2010.

<sup>3</sup> CAMERON, D. Small differences, big difference: interational sociolinguistics. In: **Working with spoken discourse**. Sage, 107-122. Pag.106

<sup>4</sup> PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os fatos”. **Tempo Nº02. Dossiê teoria e metodologia**. V.01. Rio de Janeiro, 1996. Pag. 2.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A Sociolinguística Interacional defende uma análise pautada na interpretação das características de uma situação de linguagem, como toda forma de interação, a exemplo de uma conversa informal em um bar até uma entrevista de pesquisa. É importante ressaltar que a situação conversacional das entrevistas foi marcada por uma assimetria discursiva em relação ao turno de fala dos participantes, já que os assuntos de pauta foram dirigidos por mim, na maioria das vezes, a partir do roteiro organizado anteriormente, que serviu de guia para as perguntas.

### **3.2. Memória e narrativa: a diferenciação como argumento**

Ao trabalhar com construções discursivas, podemos vislumbrar alguns aspectos relativos à memória e à construção de identidade dos participantes. Essas memórias não são espontâneas ou estão prontas, são o resultado de nossa ação enquanto pesquisadores no campo e são alimentadas por nosso interesse nelas. No momento da entrevista são co-construídas, manipuladas e negociadas em atenção ao nosso objeto de pesquisa. Os entrevistados não são simples portadores dessas informações que nos serão passadas, pois viveram experiências e as estão nos relatando segmentos destas, selecionados no momento da fala, de acordo com o que queremos saber ou com o que acreditam que queremos saber.

Os dois primeiros entrevistados sabiam que minha pesquisa era sobre torcidas organizadas e, como o traço identitário mais reconhecido e discutido desses grupos é a violência, suas narrativas apresentaram esse tema espontaneamente como ponto de pauta principal, seja construindo argumentos sobre a explicação das brigas, ou acerca das condições de sua ocorrência ou, ainda, construindo argumentos que contestassem sua existência. Já nos primeiros contatos esse era um ponto de pauta dos entrevistados, a negação ou justificativa da violência.

Os entrevistados do “movimento” Loucos pelo Botafogo sabiam que eu já havia acompanhado a Fúria anteriormente e, acreditamos que seus discursos foram a argumentação da Fúria como uma referência diacrítica. Se nos dois primeiros casos o discurso existente atrelando violência e torcidas organizadas aparecia ora sendo justificado, ora sendo negado, nas duas outras, com torcedores da Loucos pelo Botafogo, esse discurso é reforçado e utilizado como argumento diferenciador dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

grupos. O conteúdo de cada entrevista é o resultado de uma seleção produzida por uma relação mútua.

No campo da Memória Social, as narrativas orais, inseridas em entrevistas, são sempre resultantes de um relacionamento, de um projeto partilhado no qual entrevistador e entrevistado são envolvidos juntos, não necessariamente em harmonia; o conteúdo das entrevistas deve ser colocado em termos de diálogo e de uma relação pessoal. Na próxima sessão, procuramos seguir o recorte acerca das ações e percepções que constituem o torcer e a implicação desses na ação torcedora. A seleção de trechos analisados tentou seguir o recorte do significado de ser torcedor para cada um e, em seu desdobramento, a existência de um código de conduta dos torcedores, quais comportamentos são compatíveis com essa “missão” encarnada na experiência de campo.

É possível perceber dois eixos de análise fundamentais no processo de constituição identitária dos grupos entrevistados. O primeiro diz respeito aos motivos de associação. Ao contrário das outras falas, os torcedores do “movimento” não foram convidados a participar, foram eles que escolheram a torcida por seu caráter diferenciado. O segundo eixo de resposta diz respeito ao caráter diferenciado da Loucos, que se notabiliza por uma tentativa de racionalização das práticas, em contraposição a um tom mais emocionalmente envolvido da Fúria. O argumento central da Fúria é a rede de sociabilidade tecida nessa prática. Os dois entrevistados reconstroem discursivamente sua inserção nas atividades da torcida, envolvidos por outras pessoas; no caso de Guilherme, foi levado por um amigo; e, no caso de Fernanda, foi levada por namorados. Já a argumentação da Loucos baseia-se principalmente no argumento do individualismo; os dois torcedores narram a exemplaridade da torcida e de suas práticas descobertas nas arquibancadas como um esforço individual. Nesse sentido, percebemos a existência de traços formadores de uma identidade torcedora em complementaridade com o *habitus* de torcer.

### **3.2.1. Uma escolha do indivíduo**

**“Aí eu, olhando e chegando um amigo meu: “Vamo lá cantar, que num-sei-o-que! Aquele apoio incondicional, que é o da Loucos pelo Botafogo.” (ELPB20090106)**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O argumento central de construção do discurso da Loucos é a prerrogativa do indivíduo. Os dois grupos vivenciam formas de coletividade, porém, podemos afirmar que são experiências distintas, na medida em que as relações tecidas são discursivizadas de forma diferente, mesmo que na prática apresentem deslizamentos de significados.

As falas dos dois entrevistados da Loucos exaltam seu esforço quase missionário, sempre “cantando e incentivando o time”. Mesmo sendo uma agremiação “pequeninha”, este esforço chamou a atenção de todos, motivo que serve de justificativa, inclusive, para o entrevistado ter entrado no “movimento”. O discurso é construído ressaltando a participação de todos, a partir de esforços individuais e de um distanciamento de práticas do esquema de conhecimento das torcidas organizadas, como é possível observar no próximo segmento:

**Isabella: Então, como que você tomou conhecimento da torcida?**

**Adão:** Bom... tava eu e um amigo meu que entrou junto comigo. Sentados na torcida, torcida normal, comum: todo mundo era torcedor. Tava sentado, daqui a pouco: quarenta minutos do segundo tempo, Botafogo e Santos no Campeonato Brasileiro. Botafogo tava perdendo de 3x2. A única torcida que tava cantando era a Loucos Pelo Botafogo, estava quieta. Aí eu, olhando e chegou um amigo meu: “Vamo lá cantar, que num se o que!” Aquele apoio incondicional, que é o da Loucos pelo Botafogo. A gente cantando, todo mundo olhando a gente cantar, né? A Loucos era pequenininha. Aí tamos lá cantando, pulando... Daqui a pouco, 3x3! Aos 45 minutos do segundo tempo: o jogo foi aos 48. E no finalzinho teve um gol de falta no ângulo: 4x3 Botafogo! Aí todo mundo: aeeeeee, aeeeeee, num sei o que! Me apaixonei pela torcida! (...) E hoje em dia, a Loucos mudou a característica de muitas torcidas: teve aquele *Ninguém cala*, e teve música do Flamengo, teve do Vasco e todos conhecem, e começou essa onda. Que até o pessoal tava falando: “torcida de modinha”. Tem nada a ver torcida de modinha: isso ta até transformando, que o pessoal ta começando a cantar músicas de incentivo, que é o apoio incondicional (...) (ELPB20090106)

Sua resposta é dada em forma de narrativa, cheia de detalhes, como por exemplo, o lugar no qual a história de desenvolve. Outros momentos do jogo são narrados dessa de forma minuciosa, da intensidade da disputa, até atingir o clímax da história, o desfecho da história “E no finalzinho teve um gol de falta no ângulo: 4x3 Botafogo! Aí todo mundo: aeeeeee, aeeeeee, num sei o que! Me apaixonei pela torcida!”. Adão narra a ação dos torcedores, que cantavam e participavam do jogo com os jogadores “Aquele apoio incondicional”, que vai se desdobrar na ação final, a virada do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

jogo. Essa virada do time é acompanhada pela virada do entrevistado, que era um torcedor qualquer “torcida normal, comum: todo mundo era torcedor” e decide se juntar aos loucos, junto com o amigo “Vamo lá cantar, que num sei o que!”.

No segmento acima transcrito, o torcedor se alinha com as práticas diferenciadas. Algumas pistas de contextualização nos permitem identificar o argumento central de diferenciação utilizado pelo torcedor a exemplo dos verbos no gerúndio, que expressam uma ação contínua. A devoção incondicional da Loucos é utilizada tanto para descrição do que chamou sua atenção na torcida, quanto para justificativa do sucesso de tal prática: o alento. A partir da inserção dessa nova forma de torcer pela Loucos nos estádios, outros grupos passaram a utilizar tais práticas, conforme destacado por ele e “teve a música do Flamengo, teve do Vasco”. A forma que Adão enuncia sua adesão à torcida “Me apaixonei pela torcida!” destaca a emoção implicada na sua eleição. É possível perceber a marca da sua escolha pessoal, em participar da torcida, pois ele não foi convidado por um amigo ou parente. Ele percebeu uma postura diferenciada e se identificou com ela, tanto que já inicia sua ação “A gente cantando”, “Aí tamos lá cantando, pulando...”

Em outro segmento, percebemos o enquadre “torcedor empreendedor”, que faz as coisas por ele mesmo, já que tomou conhecimento da torcida através da internet e depois no estádio, optando por fazer parte do grupo por conta da “ideologia” diferenciada de torcida organizada:

**Isabella: E como você se tornou torcedor agora da Loucos?**

**Dênis:** Bom, eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né? E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele movimento, apesar de já estar afastado de qualquer movimento de torcida- até porque conceito de torcida organizada hoje já não me apraz- e comecei a tomar conhecimento da “ideologia” (...) (ELPB001 20081206)

Dênis inicia sua fala a partir do conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet “eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né?”. Dando prosseguimento, narra o conhecimento da torcida no estádio “E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele movimento, apesar de eu já estar afastado de qualquer movimento de torcida (...)”. Suas pistas de contextualização são os verbos usados na primeira pessoa do singular “eu comecei”/ “comecei”, o que aponta a existência desse caráter auto-suficiente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O discurso individualista/individualizante está presente, ainda, na argumentação acerca da organização do próprio grupo, uma vez que os loucos rejeitam a existência de estruturas formais de organização tais quais as existentes no esquema de conhecimento das torcidas organizadas, como o cargo de presidente e a adoção de um espaço físico para sede. Essas características são negadas sob o argumento de que fazem parte da estrutura das torcidas organizadas. Nesse caso, ao discursivizar a ausência de uma sede própria e de uma hierarquia de cargos, o entrevistado constrói seu argumento a partir da exaltação do esforço individual de cada um “A loucos pelo Botafogo, quero deixar bem claro que não é uma torcida organizada. Não existe batismo. Não existe carteirinha.”<sup>5</sup>

Podemos perceber a existência de uma perspectiva negativa<sup>6</sup> sobre a figura do líder de torcida na fala dos entrevistados da Loucos pelo Botafogo em relação às organizadas. Há uma questão crucial nas estratégias discursivas utilizadas pelos torcedores que apontam para o fato de que as ações da Loucos são entendidas como doações desinteressadas, como no trecho “um amor incondicional”, já que nem mesmo o resultado do jogo é mencionado como potência para esse estímulo. O apoio é um fim em si. Em contrapartida, as torcidas organizadas são tratadas como uma parcela já corrompida de torcedores, seja pela violência, ou por outros fatores que deturpem o real significado do torcer: “somente o amor ao Botafogo”. Tal oposição também pode ser percebida no dilema da organização do futebol brasileiro: de um lado as políticas dos dirigentes dos clubes baseadas em relações interpessoais, e de outro a necessidade de modernização da estrutura clubística<sup>7</sup>. Essa modernização não é bem aceita, por colocar em risco a aura sagrada e a paixão pelo futebol, assim como os líderes de torcida que possuem outros interesses que não somente o amor incondicional ao Botafogo, também deturpam a vivência do futebol.

No caso da Loucos, essa situação é, em parte, invertida, já que no discurso de Dênis o jogador é tratado como menos importante “estão ali só para passar o tempo”. Há um deslizamento relacionado à paixão e à devoção, uma vez que os torcedores almejam práticas mais racionalizadas, em conjunto com o amor ao clube: “nossa

---

<sup>5</sup> ELPB20081206.

<sup>6</sup> Bernardo Buarque de Hollanda faz uma análise sobre a corrosão do caráter do líder de torcida.

<sup>7</sup> Cf: HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

idolatria é com o clube”. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se alinham com o discurso de modernização do futebol, até mesmo em sua postura participativa e racionalizada, condenam certas práticas “modernas”, resultantes do futebol globalizado, como a venda de jogadores:

**Isabella: E a relação com os jogadores?**

**Dênis:** (...) Nossa idolatria é com o clube; jogadores, eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles. Tanto que num sei se você percebeu, mas a Loucos num faz isso, por que? Porque tão ali pra passar o tempo, ou pra conseguir uma ponte pra Europa, o que eu num deixo de tirar a razão deles, porque todo mundo quer ganhar bem... só que o jogador é passageiro(...) (ELPB20081206)

As torcidas organizadas são conhecidas pela relação de amor e ódio mantida com os jogadores em momentos bons e ruins. É comum ouvir o coro com nome dos jogadores, assim como a criação de músicas, coreografias e bandeiras para os ídolos. Assim como também é comum ocorrer à condenação dos mesmos jogadores em momentos ruins, já que possuem uma relação conflituosa com os mesmos, marcada por amor e ódio, mas sempre de forma passional. Essa diferenciação sinaliza a adoção de uma postura profissional frente ao tratamento dos jogadores, uma relação guiada pela razão, na medida em que estes são vistos como prestadores de serviço: “eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles.” Porém, os jogadores do passado são cultivados como ídolos, ostentados em bandeiras e músicas, como é o caso de Didi, Garrincha, Túlio Maravilha e Nilton Santos, como se o futebol do passado fosse mais desinteressado.

A “ideologia” das torcidas organizadas é considerada desalinhada com os novos parâmetros do futebol espetáculo, por ter se corroído com o tempo, quando passaram a adotar práticas violentas e a defesa de interesses pessoais. Esse movimento de afastamento das organizadas é o que garante a visibilidade ao grupo junto a um conjunto mais abrangente, que é de ser torcedor do Botafogo, a partir do qual temos a imersão desses indivíduos em um contínuo. O motivo de seu afastamento é o objeto de seu reconhecimento, já que é a partir desse movimento de saída do esquema de conhecimento até então proposto, o das torcidas organizadas, que é possível a construção do traço identitário diferenciador enquanto grupo de torcedores e portadores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de um papel político, que os coloca em vantagem em relação às torcidas organizadas. O que ainda é facilitado frente ao papel das mídias esportivas que notabilizam-se pela mesma postura de condenação das práticas das torcidas organizadas.

Dessa forma, as torcidas organizadas servem como referencial simbólico a partir de sua negação, já que “a identidade social define-se e afirma-se na diferença<sup>8</sup>”. A própria concepção dos termos torcida e torcedor mudam ao receberem uma nova denominação: “movimento”.

A respeito de momentos de afastamento e aproximação, o sociólogo Georg Simmel afirma que são aspectos constituintes da própria relação entre indivíduos e grupos. Uma tensão que pode ser vista como no caso da Fúria e do “movimento”, no qual os dois são torcedores, porém, a Loucos se constrói discursivamente a partir de uma postura diacrítica, definidora de sua identidade. Há, ainda, uma tensão no “movimento”, que começa com um tom contestatório e de distanciamento do clube, até passar à fase atual, de aproximação e aceitação da diretoria. Desse modo, conforme definido pelo sociólogo:

Os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações<sup>9</sup>.

A relação entre os dois grupos nos coloca questões acerca da sociabilidade tecida no panorama atual dos torcedores. Percebemos um grupo passional que serve de ponto de diferenciação a uma nova agremiação torcedora que nega as regras de sociabilidade até então coordenadas pelas organizadas, inclusive as emoções.

Nobert Elias em *A sociedade dos indivíduos* aborda uma questão fundamental à sociedade, a tensão existente entre a identidade- eu e a identidade- nós. Tal pressuposto é tomado como resultado do processo de contenção das emoções pelo estado. Esse processo, o qual Elias denomina de individualização, apresenta um duplo efeito nas relações sociais tecidas. Se por um lado, distancia os indivíduos tornando- os mais independentes e diferenciados, por outro há uma aproximação das práticas, já que estas

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Pag. 164.

<sup>9</sup> SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Jorge Zahar, 1983. Pag. 17.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

se apresentam cada vez mais sob alguma espécie de controle, logo mais homogêneas.

É possível perceber a racionalização das práticas e um maior controle das emoções por parte dos torcedores. Não que essas práticas sejam diretamente controladas pelo estado, porém é perceptível o interesse na regulamentação e controle desses agrupamentos. É possível apontar algumas medidas que facilitam e impulsionam essas modificações, como o aumento do preço dos ingressos<sup>10</sup> e o apoio da mídia a esses grupos, com matérias<sup>11</sup> exaltando o bom torcedor.

Partimos do pressuposto que o processo de individualização proposto por Nobert Elias<sup>12</sup> e o conceito de distinção social proposto por Pierre Bourdieu<sup>13</sup> podem ser aplicados na compreensão da passagem de um tipo de sociabilidade ao outro. A análise implica na adoção desses conceitos conjugados levando em consideração o papel controlador das instituições envolvidas no processo e a construção de um argumento de diferenciação de torcedores de um nível social de médio a alto, que buscam a partir da utilização de práticas diferenciadoras, mais que uma demonstração de ordem numérica ou de força: atingir o objetivo de ser um grupo seletivo e destacado dos outros o suficiente para serem envolvidos em questões da diretoria, por exemplo. Ou seja, na aquisição de capital simbólico junto ao clube.

Há um discurso da mídia e do senso comum que defende que o afastamento dos torcedores organizados, tidos como desordeiros passa pelo aumento dos ingressos e pela diminuição do público dos estádios, o que facilitaria o controle. Porém, medidas como a organização de transportes coletivos extras e o horário de jogos não são levadas em

---

<sup>10</sup> A título de exemplo, no Campeonato Carioca de 2007, o preço dos ingressos de arquibancada era R\$15,00 e esse ano, em 2010, o preço é R\$40,00.

<sup>11</sup> Segue algumas manchetes sobre torcidas: Secretário manda abrir caixa-preta das torcidas organizadas: Determinação é para identificar criminosos que estão por trás das facções de torcidas. Reunião para criar mecanismos de controle das ações dos grupos acontece nessa quinta. (13/12/2007: Retirada G1globo.bom)/ Memória: um histórico de brigas de torcedores fora de campo (17/11/2007: Retirada O Globo versão digital); Torcedores brigões usam Orkut para organizar ataques a grupos rivais (08/09/2006: Retirada O Globo versão digital); Torcidas na mira da polícia: Delegado identificou 50 chefes envolvidos com brigas e investiga a morte de tricolor na Lapa (19/11/2007: Retirado O dia versão digital)/ Torcidas organizadas dividem o Rio em áreas de guerra (25/11/2007: Retirado do Terra esportes)

<sup>12</sup> Elias, Nobert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

consideração como fatores que colocam o torcedor em risco. Dessa forma, o que é possível perceber é a priorização de um público de poder aquisitivo mais elevado nos espetáculos futebolísticos, como se isso fosse suficiente para encerrar a violência.

### 3.2.2. Construindo laços de solidariedade

Os argumentos dos torcedores da Fúria sinalizam a construção de laços pessoais no grupo. Ambos entrevistados justificam sua entrada no grupo como resultante de relações pessoais. No primeiro caso, Guilherme justifica sua entrada na antiga TJB, a partir de um convite de um amigo de infância e, ainda, ressalta que eles criaram a Fúria, uma atividade coletiva, que passou inclusive, pela escolha do nome do novo grupo:

**Isabella: É você já conhecia alguém nessa torcida?**

**Guilherme:** De qual?

**Isabella:** Da Fúria?

**Guilherme:** Não, vamos dizer assim, a Fúria surgiu com a gente, foi um movimento que não tinha nem nome, a gente cogitou vários nomes, entendeu? Até que surgiu Fúria.

**Isabella: E na torcida, na torcida Jovem do Botafogo, você conhecia alguém que te levou para lá?**

**Guilherme:** Na Jovem do Botafogo eu conhecia, e o rapaz que me levou para a Jovem do Botafogo foi o mesmo que me incentivou para ir para a Fúria.

**Isabella: Quem foi?**

**Guilherme:** Foi o Luís Américo, um amigo meu de infância. Ele que me levou para as duas, vamos dizer assim, né? (EPTB20070530)

No segmento anterior, Guilherme atribui sua entrada para a torcida como resultado de laços que extrapolam a torcida “um amigo meu de infância”; foram amigos que se juntaram e formaram uma nova torcida. Há um envolvimento emocional entre os participantes nessa construção como no segmento abaixo:

**Isabella: Como foi seu primeiro jogo oficial na torcida?**

**Guilherme:** Da Fúria ou da Jovem? {**Isabella:** Dos dois, da Jovem primeiro...} lembro, lembro, foi um Botafogo e Flamengo.

**Isabella: E como foi?**

**Guilherme:** Ah, para mim, foi muito, muito, ah daí que eu desandei a gostar mais, entendeu? Porque a Jovem do Botafogo não era uma torcida tão grande como a Fúria é hoje, entendeu? Era menos gente, a adrenalina era maior, entendeu? A primeira vez que eu fui para um jogo mesmo assim, jogo que eu digo que tenha rivalidade entre uma torcida e outra, entendeu? E dali, foi assim, eu não parei mais de ir. (EPTB20070530)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

No segmento apresentado, Guilherme destaca seu primeiro jogo na torcida, a partir da emoção vivenciada, a “adrenalina” era maior, por conta do tamanho da torcida, menor em relação à de hoje em dia. Há ainda o fato de que o jogo foi contra o Flamengo, principal adversário do Botafogo no Rio de Janeiro. Fato que contribuiu também para o tom aventureiro da narrativa “eu desandei a gostar/ foi muito bom”.

Nota-se a mesma argumentação passional de Fernanda no segmento a seguir:

**Isabella: Como você tomou conhecimento da existência da torcida, da...?**

**Fernanda:** Já tinha, já sabia há muito tempo, mas eu passei a freqüentar mesmo, a me tornar fanática, que eu sou fanática, é, junto com... por causa do meu filho, meu filho só passou a freqüentar depois dos 18 anos. Mas eu quando passei mal, tive ele, bem dizer, dentro do Maracanã, era jogo do Botafogo e do Flamengo, eu passei mal dentro do banheiro. Ai, daí já, sempre fui de gostar da torcida, antes não era torcida Fúria, eu era a torcida que era do Russão, era do cachorrão de Marechal Hermes, era do Russo, torcida do Russão, dep..., e sempre foi assim, mas antes eu freqüentava normalmente o Botafogo, há pouco tempo para cá que eu sou da Fúria, mas não era, deve ter uns 3,2 anos que eu sou da Fúria, não fazia parte, não gostava, assim porque era menos gente, era formação, eu achava que não me envolvia e depois eu comecei a ir com meu filho, 1 vez, 2, depois fui até sozinha. (EFJB20070818)

Ela assume o enquadre de torcedora fanática ao afirmar que seu filho quase nasceu no Maracanã “Mas eu quando passei mal, tive ele, bem dizer, dentro do Maracanã, era jogo do Botafogo e do Flamengo, eu passei mal dentro do banheiro”. Posteriormente assume o enquadre de mãe ao afirmar que só se tornou fanática após a filiação de seu filho na torcida, já que já havia feito parte de outras torcidas porém, com outra intensidade. No turno final de sua fala admite ir sozinha aos jogos, retornando ao seu enquadre inicial de torcedora.

Como no outro segmento analisado, o da fala de Guilherme, a narrativa de Fernanda está alinhada com um espírito aventureiro, com a vivência de emoções radicais na torcida. E ainda, com a criação de vínculos afetivos no grupo, ou melhor, com a reafirmação desses vínculos a partir do pertencimento à torcida, como é o caso de ser mãe de torcedor e torcedora ao mesmo tempo.

Os argumentos de identificação do “movimento” e da torcida organizada apresentados pelos torcedores constroem caminhos distintos, que chegam a um ponto comum, o pertencimento clubístico, ser torcedor do Botafogo. Cada grupo constrói seus enquadres a partir de diferentes alinhamentos, que estão permeados por dois



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

alinhamentos principais, a emoção à flor da pele, no caso da Fúria, seja em enfrentamentos físicos, seja na vivência do próprio jogo nas arquibancadas, nos laços afetivos redimensionados nas arquibancadas ou na relação com os jogadores. O outro alinhamento diz respeito aos Loucos, a partir de uma vivência controlada de torcer, marcada pela continuidade e moderação. Seus argumentos são racionalizados; a escolha do grupo passa por seu destaque nos estádios, por um ideal modernizante do futebol ou ainda pela negação de todas as práticas das organizadas, principalmente suas ações passionais.

O importante dessas reflexões esboçadas sobre o “movimento” é não pensar em uma dicotomia entre indivíduo e coletivo mas sim em modulações de ambas as relações, já que os dois grupos vivenciam essas duas faces da mesma moeda, porém de formas distintas. No artigo de José Guilherme Cantor Magnani<sup>14</sup>, **Os circuitos dos jovens urbanos**, o antropólogo propõe uma abordagem embasada em modulações e não apoiada na dicotomia entre as relações entre grupos, o que propomos aqui.

Objetivando o afastamento do lugar comum dos torcedores, ou seja, levando em consideração o esquema de conhecimento existente no campo, os loucos reivindicam uma identidade das torcidas argentinas, nesse caso, utilizadas como apoio simbólico:

**Isabella: Você já foi de alguma torcida?**

**Adão:** (...) Existe uma diferença entre “movimento” popular e torcida organizada: cada um tem seu jeito de torcer e pra mim, as duas estão certas. Pra mim, o jeito de torcer da Loucos eu acho melhor; a gente pegou o melhor do Barra Brava e jogou pro “movimento”, estilo popular, aqui no Brasil. Tem outras: no Sul, que lá que começou, aquela geral do Grêmio. Só eles pegaram a parte ruim da Barra Brava argentina e começaram a brigar, devido a integrantes da Torcida Jovem do Grêmio que entram... sabe como é que é lá no Sul, rola racismo aquele negócio..então a gente pegou o melhor do estilo argentino e também do brasileiro, que a gente também toca um pouco de samba. Então pegamos o melhor de cada coisa, pra fazer o movimento aqui no Rio. (ELPB20091006)

Alessandro Portelli utiliza a terminologia tempo mítico<sup>15</sup> para falar de um tempo que não é real, um tempo fora do tempo, uma ordem em suspensão. A tomada das

<sup>14</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2. 2005.

<sup>15</sup> Portelli, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and meaning in Oral History**. State University of New York Press: Albany, 1991. Pag. 59.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

características das *hinchadas* argentinas como ponto de partida para a construção de identidade da Loucos em sua sincronia, pode ser interpretada a partir desse tempo mítico de que fala Alessandro Portelli, por ser um apoio sem uma referência real. Essa aproximação existe porque foi realizada uma construção simbólica que não se mantém sozinha. Ao negar a existência de semelhanças com o que já é conhecido como torcedor no Rio de Janeiro, busca-se a afirmação de uma semelhança com algo que é interpretado de uma maneira própria que aproxima os dois grupos, de uma forma mítica no sentido de que não há referência real. O argumento que serve de apoio é a “ideologia” de apoiar o time o tempo todo, sem parar, “daquela ‘ideologia’ de apoiar o time o tempo todo”.

Outro tom diferenciador está presente na música, interrompida durante todo o jogo e “de incentivo”, o que significa cantar sem provocações ao outro ou ofendendo o próprio time, ou seja, cantar somente o amor o jogo todo. A música usada pela Loucos tem um ritmo mais marcado, assim como o das *hinchadas* argentinas. Essa cadência ainda é acompanhada do movimento corporal que auxilia a construção do cenário, auxiliado pelo movimento das bandeiras que cada torcedor carrega e que deve ser acenada igualmente o jogo inteiro. Percebemos assim a existência de um movimento constante durante o jogo, seja através, da música ou do movimento corporal.

Aqui, as pistas de contextualização que nos permitem avaliar a construção da narrativa salientado nessas características é o uso dos verbos no gerúndio, o que demarca a posição destacada aqui por Adão, complementada ainda por sua própria fala de que eles estavam cantando, mesmo diante da derrota e que todo mundo só olhava para o grupo, marcando assim, uma diferença entre quem canta o tempo todo, independentemente do resultado e que só observa esse movimento, os outros torcedores:

**Isabella: E como você tomou conhecimento da torcida?**

**Adão:** A Loucos pelo Botafogo eu tomei conhecimento a partir de um jogo, eu tava, tipo sentado na cadeira amarela, na arquibancada amarela do Maracanã, aí chegou um dia, eu tava junto com um amigo meu, que entrou junto comigo no movimento da Loucos. É... a gente tava um belo dia tava o pessoal lá cantando, vibrando pra caramba e tal e tipo, pô, a música é maneira, né? O pessoal é tranquilo, tava pulando, cantando, incentivando o time, que era um jogo que o Botafogo tava perdendo de três a dois pelo Santos, quarenta minutos do segundo tempo eles estavam cantando que nem um conjunto assim, a torcida... (ELPB20091006)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

No começo da narrativa ele se coloca como um torcedor comum, alguém que estava vendo o jogo “eu e um amigo meu que entrou junto comigo. Sentados na torcida, torcida normal, comum: todo mundo era torcedor” e que percebeu a existência dessa torcida por sua diferença das demais, até se juntar a eles, momento no qual se retira do esquema de conhecimento torcedor comum e entra para o torcedor diferenciado. Afinal, foi essa diferenciação dos outros grupos que chamou sua atenção.

O argumento para a justificativa de seu interesse no “movimento” é a existência de um código comportamental diferenciado, o qual não estavam acostumados, por sua uniformidade e constância. Adão narra ainda estranheza em relação a Loucos pelo seu tamanho “era ainda pequeninha”, o que não lhe garantia que passasse despercebida pelos olhos dos outros, mesmo com o tamanho reduzido, chamou sua atenção, o bastante para sua mudança de torcedor comum a torcedor da loucos.

Em conjunto com a idéia de diferenciação do “movimento”, o torcedor ainda faz uso do argumento do ineditismo, ao afirmar que a Loucos foi a primeira torcida do estilo aqui no Rio de Janeiro, afirmando-se como um grupo sólido o suficiente para inspirar torcidas de outros times e afirmar-se como um grupo concreto e não somente como “uma torcida de modinha”, como era julgada no começo. Reconhece que a transformação é um processo lento que está em curso, mas que está ocorrendo, e que, aos poucos, até mesmo as torcidas organizadas estão aderindo as músicas de incentivo, apontando uma tendência.

Há um mercado de bens simbólicos que só adquire sentido na práxis do torcer de cada um dos grupos, assim como o clubismo. Vimos, ainda, que a dinâmica do clubismo organiza o futebol brasileiro regionalmente e nacionalmente a partir dos campeonatos gerenciados pela FIFA. Esta instituição regula as atividades do futebol em nível internacional e, logo, imprime características comuns a todo o processo. O processo de modernização do futebol brasileiro é uma demanda da FIFA no agenciamento da CBF, que relacionado ao debate acerca da organização dos grandes eventos esportivos que serão sediados em breve no Brasil, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, ganham cada vez mais enfoque nos principais canais de comunicação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O agenciamento da FIFA tende a imprimir uma uniformização das práticas e a diminuição das diferenças regionais em relação ao futebol, logo, depreende-se que há um esforço na uniformização dos rituais torcedores, seguindo o padrão internacional. A partir dessa mudança das demandas do campo, observamos mudanças no *habitus* torcedor em todos os níveis, das músicas, das faixas e do próprio gestual, conforme analisado no segundo capítulo. Tanto a Loucos pelo Botafogo quanto a Fúria Jovem do Botafogo vivenciam esse processo, porém, o que apontamos nesse trabalho é que a Loucos está mais alinhada com as práticas modernas desse futebol espetáculo. O momento de surgimento da Loucos é importante para entendermos esse maior alinhamento, por ser um grupo muito novo, que já surge com uma proposta de rompimento com as práticas das torcidas organizadas e se apropria do discurso do senso comum em relação à culpabilização desses grupos em relação à violência dos estádios.

Dessa forma, esse grupo já surge com uma opinião formada acerca das torcidas organizadas, ao contrário da Fúria que, mesmo sendo recente, é uma dissidência da Torcida Jovem do Botafogo. Podemos analisar essa militância a partir da perspectiva do próprio campo; esse é o ponto diferencial entre ambos os grupos: as práticas militantes e os rituais torcedores. Para a compreensão dessa divisão é importante salientar que a diferença de *ethos* nos dois grupos estudados se cristaliza em uma diferença de sociabilidade de grupos sociais. Durante o trabalho de pesquisa foi possível perceber a distinção entre formas de sociabilidade de nível popular, representado pela Fúria e de nível médio e alto representado pela Loucos pelo Botafogo.

Há um conflito entre a memória oficial das duas torcidas, que demonstram uma preocupação com a legitimação e a aceitação. Tanto Anselmo quanto Guilherme constroem estratégias diferenciadas, que visam ao mesmo objetivo, provar que seu grupo é o mais devoto ao Botafogo Futebol e Regatas e, como consequência, a centralidade de suas figuras também aparece de forma despretensiosa, ou seja, constroem o argumento da doação desmedida, sem interesses pessoais. Porém, há uma distinção entre a memória oficial dos dois grupos, que podemos perceber pelas formas de sociabilidade que ambos descrevem. Mesmo que o objetivo dos dois se aproxime, que é a defesa do amor incondicional ao Botafogo, essa manifestação do amor se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

concretiza de forma diferente nos dois, pautadas nos parâmetros de socialização de cada um dos grupos.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CAMERON, D. Small differences, big difference: interactional sociolinguistics. In: Working with spoken discourse. Sage, 107-122.

Elias, Nobert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOFFMAN, E. "Footing". In Sociolinguística Interacional. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 107-148, 2002.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Os circuitos dos jovens urbanos". **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2. 2005.

MENEZES, Isabella Trindade. Entre a Fúria e a Loucura: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. Programa de Memória Social, Unirio, Rio de Janeiro, 2010.

PORTELLI, Alessandro. "A Filosofia e os fatos". Tempo N°02. Dossiê teoria e metodologia. V.01. Rio de Janeiro, 1996.

Portelli, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and meaning in Oral History**. State University of New York Press: Albany, 1991.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Jorge Zahar, 1983.